

JEFFREY SACHS

Ação conjunta de emergência

• Em artigo que acaba de ser publicado na revista "The Economist", Jeffrey Sachs afirma que só uma ação conjunta de países ricos e pobres pode fazer o mundo superar a crise. E não poupa críticas ao FMI.

O GLOBO: *O que pode ser feito para que o mundo não veja mais crises desta amplitude?*

JEFFREY SACHS: Os países ricos e os em desenvolvimento devem se juntar e realizar com urgência uma reunião do G-16, grupo que reuniria os oito países mais industrializados do mundo mais oito em desenvolvimento, entre eles o Brasil. Só uma ação global pode dar origem a políticas construtivas. O Brasil tem uma responsabilidade dentro do sistema, de mostrar aos países em desenvolvimento como enfrentar a situação internacional.

• *Mas que medidas concretas o G-16 poderia tomar em relação a isso?*

SACHS: Poderia firmar um compromisso de manter os mercados abertos; evitar medidas protecionistas de alguns países, como o congelamento de contas, que realmente trariam o pânico; confirmar a necessidade de políticas monetárias mais expansionistas para evitar recessão; e poderia pensar em medidas estruturais para evitar crises como essa.

• *O senhor diz que é o fim de uma era. O que está por vir?*

SACHS: Temos duas possibilidades. Uma negativa, de confrontação mundial entre as economias. Outra positiva, de comprometimento global.

• *Precisamos de novas instituições internacionais?*

SACHS: O FMI e instituições como o Banco Mundial estão despreparadas para o desafio. Muitos economistas estão de acordo em dizer que a liberalização prematura de alguns mercados, estimulada pelo FMI, foi uma das causas da atual crise. O FMI não conseguiu proteger o mundo dos capitais de curto prazo. Ele e o Banco Mundial agiram com arrogância nos países em desenvolvimento. Eles precisam mudar de papel.

• *E o que os países em desenvolvimento devem fazer?*

SACHS: Ter controles próprios para limitar os empréstimos externos de curto prazo feitos por suas instituições financeiras. Para evitar as fugas rápidas de recursos, é melhor limitar os níveis de exposição dos bancos a altos patamares de empréstimos de curto prazo. Isso é diferente do que Paul Krugman, do MIT, sugeriu, e a Malásia adotou, de controlar o capital que sai. É preciso controlar o capital que entra.